

notas para a abolição dos campos de concentração e de extermínio

salete oliveira*

“Eis um filão que é preciso não perder de vista (...) na realidade, talvez sejam vários, todo um consórcio de tiranos, divididos entre si no que me concerne, deliberando desde um bom pedaço de eternidade, escutando-me de tempos em tempos, depois indo comer e jogar cartas, em segredo, a expensas do governo, à minha revelia (...).”

Samuel Beckett

Morder, mascar, deglutir

“No ano de 1949, aconteceu-nos, a mim e a alguns amigos lermos uma nota que nos chamou a atenção na revista *Priroda* (Natureza), da Academia das Ciências. Impressa em caracteres minúsculos, noticiava que na bacia do rio Kolimá, durante umas escavações, tinha-se deparado, casualmente, sob uma camada glacial, com uma corrente congelada, nela tendo sido descobertos,

* Doutora em Ciências Sociais e pesquisadora no Nu-Sol, professora-pesquisadora na PUC/SP pelo Prodoc-CAPEES.

também congelados, espécimes de fauna fossilizados (com várias dezenas de milênios de idade). Esses peixes, ou tritões, conservavam-se tão frescos — testemunhava o correspondente científico — que as pessoas presentes quebravam o gelo ali mesmo e comiam-nos *com prazer*. Não poucos leitores da revista devem ter se espantado bastante pelo fato de a carne de peixe poder conservar-se durante tão longo tempo no gelo. Mas foram menos os que puderam discernir o sentido verdadeiramente heróico dessa nota imprudente. Nós compreendemos tudo num ápice. Vimos com clareza toda a cena, nos seus mínimos pormenores: como as pessoas presentes quebravam o gelo, com exacerbada pressa, e como, menosprezando os elevados interesses da ictiologia, se acotovelavam uns aos outros, arrancavam os pedaços da carne milenária, passavam-na pela chama, descongelavam-na e saciavam a fome. Compreendemo-lo porque as *pessoas presentes* éramos nós próprios, porque nós éramos membros dessa poderosa legião de *zeks* [detidos], a única na terra que podia comer os tritões *com prazer*. Kolimá era a maior e a mais célebre ilha, o pólo da ferocidade desse assombroso país do Gulag, desgarrado pela geografia num arquipélago, mas psicologicamente ligado ao continente, a esse quase invisível, quase intangível país habitado pelo povo *zek*. Este arquipélago, cheio de enclaves, recortava-se policromo sobre o outro país, a que estava incorporado, penetrava nas suas cidades, pairava sobre as suas ruas — e no entanto havia quem não se apercebesse de nada, embora muitos tivessem ouvido falar vagamente de algo; só os que lá tinham estado conheciam tudo. Entretanto, como se tivessem perdido o dom da fala nas ilhas do arquipélago, eles guardavam silêncio. Numa inesperada viragem da nossa história, uma parte insignificante desse arquipélago foi dada a conhecer ao mundo. Mas as mesmas mãos que nos apertaram as algemas abrem agora

Notas para a abolição dos campos de concentração...

conciliadoramente as palmas e dizem ‘não se deve... não se deve remexer no passado!... Aquele que recorda o passado perde um olho!’ E, no entanto, o provérbio acrescenta: ‘aquele que o esquece perde os dois!’ As décadas vão correndo e lambem irrecuperavelmente as cicatrizes e as úlceras do passado. Outras ilhas, durante esse tempo, estremeçeram, foram-se derretendo, desbordaram, e o mar polar do esquecimento vem embater sobre elas. E um dia, no século futuro, este arquipélago, o seu ar e os ossos dos seus habitantes, congelados numa camada glacial, serão apresentados aos descendentes como um inverossímil tritão.”¹

Soljenítisin, passou onze anos de sua vida confinado em um gulag. Seu *Arquipélago Gulag*, publicado em russo, em Paris, em 1973, trouxe, pela primeira vez, a público a história vivida e documentada dos campos de trabalho escravo na URSS, relativa ao período de 1918 a 1956. A principal tese do livro diz respeito ao fato de que os Gulags fizeram parte da constituição do Estado soviético desde o momento da Revolução Russa, em 1917, contrariando os argumentos que o justificaram ou o atenuaram sob a alegação de que teriam sido uma criação distorcida e arbitrária de Stálin.

Paris, janeiro de 1976. Primeira veiculação televisiva de imagens do campo de concentração soviético, localizado na cidade de Riga. No mês seguinte, K. S. Karol entrevista Michel Foucault; indaga-lhe sobre as imagens que viu.

“Em primeiro lugar, os soviéticos disseram o seguinte, o que me chocou muito: ‘não há nada de escandaloso nesse campo: a prova disso é que está no meio da cidade, todo mundo pode vê-lo.’ Como se o fato de um campo de concentração ser instalado em uma grande cidade — no caso, Riga — sem que seja necessário dissimulá-lo, tal como os alemães o faziam, às vezes, fosse uma des-

culpa! Como se este impudor de não esconder o que se faz, ali onde se faz, autorizasse a reivindicar o silêncio em qualquer outro lugar, e a impô-lo aos outros: o cinismo funcionando como censura. É o argumento de Cyrano: já que meu nariz é enorme, bem no meio do meu rosto, vocês não têm o direito de falar dele. Como se não fosse preciso, nessa presença de um campo em uma cidade, reconhecer o brasão de um poder que se exerce sem pudor, tal como nossas prefeituras, nossos Palácios de Justiça ou nossas prisões. Antes de saber se os detentos que ali estão são ‘políticos’, a instalação do campo, nesse lugar tão visível, e o terror que ele exala são, em si, políticos. O arame farpado que prolonga os muros das casas, os feixes de luz que se entrecruzam e o passos das sentinelas à noite, isso é político. E é uma política.”²

Em uma entrevista posterior, relativa, ainda, aos campos soviéticos, concedida a Jacques Rancière, no ano de 1977, Foucault, aponta para dois desdobramentos distintos: a instituição Gulag e a questão Gulag.³

São apenas dois pequenos apontamentos que podem ser desdobrados e esgarçados.

A instituição gulag

O termo *GULAG* refere-se a uma vasta rede de campos de trabalhos forçados que se espalharam por toda a URSS. Das ilhas do Mar Branco às costas do Mar Negro. Do círculo Ártico às planícies da Ásia Central. De Murmansk a Vorkuta e ao Casaquistão. Do centro de Moscou à periferia de Leningrado.⁴

A palavra *GULAG* designa “administração geral dos campos” e refere-se, imediatamente, à instituição de uma polícia política que, por sua vez, corresponde à divisão da polícia secreta que gerenciava os campos soviéticos. Polícia multiplicada e redimensionada inúmeras vezes.⁵

Notas para a abolição dos campos de concentração...

Cheka (Comissão Extraordinária), polícia secreta que vigorou durante a revolução. *GPU* (Agência Política do Estado), polícia secreta que sucedeu a *Cheka* no início dos anos 1920. *OGPU* (Agência Política Unificadora do Estado), polícia secreta do final dos anos 1920 e início de 1930, sucessora da *GPU*. *NKVD* (Comissariado do povo para assuntos internos), polícia secreta que agiu nos anos 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial, sucessora da *OGPU*. *MVD* (Ministério de Assuntos Internos), a polícia secreta responsável pelas prisões e pelos campos de trabalho forçado no pós-guerra. *MGB/KGB* (Ministério/Comitê de Segurança do Estado), responsável pela segurança interna e externa no pós-guerra.

Uma das procedências do Gulag encontra-se na Rússia czarista, correspondendo às “turmas de trabalho forçado” que localizavam-se na Sibéria e operaram desde o século XVII até o início do século XX. Foi de lá que conseguiram fugir vários anarquistas no século XIX, dentre eles Bakunin. E dataria desta época sua futura habilidade em imprimir fantásticas fugas dos gulags soviéticos, já que vieram a ser um de seus alvos principais. Logo após a revolução, segundo Applebaum, o gulag assume sua forma mais moderna e familiar, tornando-se parte do sistema soviético.

Tal qual a polícia política e secreta o gulag também vai sofrer modificações e reacomodamentos em suas significações e aplicações. Com o tempo passa a indicar não só a administração dos campos de concentração mas, também, o próprio sistema de trabalho soviético, trabalho escravo, sob as mais diferentes formas e modalidades. Campos de trabalho forçado; campos punitivos; campos criminais e políticos; campos femininos; campos infantis; campos de trânsito.

O campo se dividia em campos e no interior dos campos alojavam-se outros campos, respondendo a uma

multiplicação e alastramento que Soljenítsin denominaria de arquipélago, mesmo termo que Michel Foucault, não fortuitamente, utilizou para se referir à prisão dispositivo — diferindo do internamento considerado isoladamente — o arquipélago carcerário.⁶

O gulag não só passou a significar todo o sistema repressivo soviético — os presos o denominavam como o “moedor de carne”⁷, referindo-se aos amplos itinerários que abrangiam, das delações às capturas, das prisões aos interrogatórios e sessões de tortura; dos translados em vagões de gado ao trabalho forçado, da destruição de laços amorosos e amistosos aos anos de degredo, das mortes prematuras aos extermínios — como, também, a partir dele, e sem jamais abrir mão dele, foi que este sistema de poder encontrou sua positividade e a sociedade socialista soviética pôde funcionar.

Deslizamentos históricos da instituição gulag para a questão gulag

Em 1918 Lênin determinava que os “indignos de confiança”, os “inimigos em potencial” fossem encarcerados em campos de concentração a uma distância considerável das cidades principais.

Mas antes, mesmo de 1918, isto já estava posto, e neste ponto Soljenítsin é enfático: “Seria bem mais justo dizer que o *Arquipélago* nasceu ao som dos canhões do *Aurora*. Como poderia ser diferente? Reflitamos. Marx e Lênin não ensinaram sobre a necessidade de destruir a antiga máquina coercitiva da burguesia e substituí-la imediatamente, *criando-se uma nova*? Ora, a máquina coercitiva compreende: o exército (nós não nos espantamos de ver constituir-se o Exército Vermelho no começo de 1918); a polícia (renovou-se a polícia antes mesmo do exército); os tribunais (a partir de 22 de novembro de 1917) — e as

Notas para a abolição dos campos de concentração...

prisões. Por que então, se deveria demorar em introduzir uma nova espécie de prisão? Dito de maneira diferente, de um modo mais geral, retardar em matéria de prisão, fosse de estilo antigo ou novo, era uma coisa rigorosamente impossível. Desde os primeiros meses que se seguiram à Revolução de Outubro, Lênin exigiu ‘as medidas mais resolutas e mais draconianas para se restabelecer a disciplina. Ora são possíveis medidas draconianas sem prisão?’⁸ Soljenítsin, ainda, sublinha: não foi o próprio Marx que em sua *Crítica ao Programa de Gotha* havia sido enfático ao afirmar que o único meio de reabilitação dos prisioneiros era o trabalho produtivo?

Assim foi feito, em maio de 1918 foi criado o Serviço Penal Central; em março de 1919 os “fundamentos da política de trabalho forçado” foram incluídos no novo programa do Partido. Em 1921 já havia se constituído 84 campos em 43 províncias diferentes.⁹

A partir de 1929 os gulags adquirem nova importância. Stálin utiliza-os para intensificar o processo de industrialização da URSS. Nos gulags foram produzidos desde brinquedos para crianças até foguetes espaciais. É neste mesmo ano de 1929 que a polícia secreta assume o controle do sistema penal soviético, acoplando o judiciário a todos os campos e prisões. Entre 1937 e 1938 intensificam-se as prisões em massa e os gulags alastram-se vertiginosamente. No final da década de 1930 era possível encontrar inúmeros campos em todos os 12 fusos horários da URSS.¹⁰ O Gulag não pára de crescer para atingir seu apogeu na década de 1950 e passar a ser responsável pela produção de 1/3 da riqueza da URSS.

Durante a década de 1970 e começo da de 1980 o gulag passa por reformulações para responder ao encarceramento de ativistas anti-soviéticos e dos designados criminosos. Durante a existência da URSS foram criados 476 complexos distintos de campos, perfazendo mi-

lhares de campos individuais.¹¹

Soljenítsin, lançando mão de várias fontes documentais, fornece a estimativa de que 60 milhões de pessoas passaram pelo enorme sistema do arquipélago. Levando-se em conta que sua obra abrange o período entre 1918 e 1956 e ao considerar, de acordo com Applebaum, que os campos na URSS começam a ser dissolvidos, apenas, em 1987, é possível supor que o número de pessoas *tragadas* por este sistema tenha sido muito maior.

Não se assuste leitor se acaso você perguntar a 100 pessoas se elas já ouviram falar nos campos de concentração nazista e 99 assentirem que sim e se para estas mesmas pessoas você pronunciar a palavra gulag e apenas uma não fizer cara de interrogação. Será que neste espaço que designam como ocidente, do lado de cá do meridiano central, acima e abaixo do equador, lá e aqui bem na frente de cada nariz os gulags estão tão distantes assim?

A questão gulag

Nils Christie, um abolicionista penal, em 1998, escreve *A indústria do controle do crime: a caminho dos GULAG's em estilo ocidental*, publicado no Brasil no mesmo ano.¹² Christie sublinha como a Criminologia Positivista foi profícua em sua internacionalização. As idéias de Lombroso e Ferri na Itália e, posteriormente, as de von Litz na Alemanha, constituíram um dos mais fantásticos êxitos da chamada ciência multidisciplinar. A Associação Internacional de Política Criminal, fundada em 1889 e que teve em von Litz sua figura central, assegurou à criminologia alemã o estatuto de *locus* exportador do ideário da prevenção geral, modelo preponderante de política da verdade para o sistema penalizador do século XX.

Notas para a abolição dos campos de concentração...

Christie mostra como no final do século a Nova Penologia, escola conservadora da Criminologia americana, com suas teorias sobre o crime e táticas de controle redimensiona uma nova política, denominada por ele: “a caminho dos gulag’s em estilo ocidental”.

Na década de 1980 a direita americana a partir da nova penologia, com sua “teoria da vidraça quebrada” e articulação da polícia repressiva com a polícia comunitária gestam o programa de Tolerância Zero implantado na década seguinte.

Interessa à nova penologia, segundo Christie, não mais a recuperação mas o controle e gerenciamento das populações segregadas.

A prisão, neste sentido, assume a função de *gerenciamento*. Trata-se de um redimensionamento da estatística, enquanto linguagem probabilística aplicada às populações construídas e vinculada à construção civil e ao controle eletrônico. A estatística transformada em norma legal.

A *construção* crescente de prisões, constituindo um fértil mercado, no qual os lucros ampliam-se no investimento em duas direções: nos consórcios governamentais e não governamentais; no fluxo de empregos gerados, envolvendo não só funcionários mas, também, mão-de-obra de presidiários.

Christie, ainda ressalta os *equipamentos* disponíveis ao mercado prisional, que vão desde prisões de segurança máxima, monitorada informaticamente; dispositivos de alta tecnologia de contenção, desde instrumentos simples a equipamentos testados em prisões, para, posteriormente, serem utilizados em guerras cirúrgicas a dispositivos de controle, como exemplo o código de barras que se tornou algo corriqueiro em nosso cotidiano e cuja procedência situa-se em uma tecnologia criada a partir do

controle de condenados ao cárcere ou sob monitoramento a céu aberto.

Por fim, Christie ressalta a gestão das prisões constituída pela disponibilidade da administração em demonstrar sua eficácia burocrática.

A questão que se coloca diante disto não deve ser posta em termos de negatividade: qual a distorção teórica que propiciou o aparecimento dos gulag's.

É preciso problematizar a questão gulag em termos de sua positividade. Foucault, já apontava na década de 1970, que o gulag não era uma seqüência, tampouco um resto. É um presente pleno. Não se trata de buscar uma linearidade entre o gulag soviético redimensionado pelo programa de tolerância zero, muito menos de assumir o discurso cômodo que relativiza e formaliza a denúncia sistemática “todos nós temos um gulag”, pois isto nada mais é, como já alertara Foucault, do que se instalar em um *ecletismo acolhedor*.

Colocar-se a questão gulag implica defrontar-se com a história e formulá-la para a sociedade socialista — é sempre pertinente lembrar que China, Cuba, Coréia do Norte e alhures estão aí — e que desde 1917, nenhuma delas conseguiu funcionar sem um sistema mais ou menos derivado de gulag. A positividade de tal questão reside em enfrentar as perguntas deixadas por Foucault em relação ao gulag: para que ele serve; qual funcionamento ele garante e, por fim, a quais estratégias ele responde.

Para sociedades como a nossa, para hoje, para o Estado democrático de direito que convive tão bem com o programa de tolerância zero trata-se de problematizar: para que servem as prisões e o controle a céu aberto; em que medida os direitos, não por uma falta de garantia mas pela sua própria condição de direito, fazem fun-

Notas para a abolição dos campos de concentração...

cionar o gulag redimensionado e, finalmente, quais as conexões de fluxos de controle ele responde?¹³

Ainda na pista deixada por Foucault, é preciso não perder de vista que propor uma outra solução para punir é colocar-se, inteiramente, recuado em relação ao problema que não é nem do quadro jurídico nem de sua técnica, mas do poder que pune.

Da Alemanha ao Brasil dos anos 1920, da criação do campo de concentração *Clevelândia*¹⁴, no Oiapoque, para onde eram mandados, sobretudo, anarquistas, à promulgação do Código de Menores Melo Matos de 1927, dentre outras medidas, visava-se constituir uma política profilática. A medicalização da sociedade, sob a prática da prevenção geral foi redimensionada pela medicalização do controle da segurança no pós-guerra e se transforma hoje com o programa de tolerância zero na disputa pelo controle da segurança.

Guardadas as diferenças específicas, a política dos Gulags, colocada já para Lênin, era uma questão de “profilaxia social” que devia se estender a crianças e jovens. A caça aos anarquistas passou a se entrelaçar com a caça a crianças e jovens.

“Pyotr Yakir, de catorze anos, foi primeiro colocado numa cadeia comum e depois submetido a um interrogatório completo, do mesmo tipo a que se submetiam os adultos. Seu interrogador o acusou de ‘ter organizado um bando de cavalaria anarquista, cujo objetivo era atuar atrás das linhas do Exército Vermelho’, citando como prova o fato de Yakir adorar montar. Em seguida foi condenado pelo crime de ser ‘elemento socialmente perigoso’.”¹⁵ O destino posterior eram os campos infantis e juvenis.

Do início da Revolução a 1922 foi colocada em operação o tribunal da consciência de justiça revolucionária

que, de acordo com Soljenítsin decidia quem trancafiar, quem exterminar. O tribunal popular mostrou-se perfeitamente ajustável ao gulag. O primeiro Código Penal soviético viria a ser promulgado em 1922 e daria novos contornos ao tribunal. O Estado socialista não abriu mão do direito penal burguês e perpetuou os gulags.

Tribunal é tribunal. É uma instituição, é uma questão. É uma política. Em qualquer parte do planeta é uma política de julgamento. Todo sentenciado ou à espera de sentença a ser cumprida no cárcere ou a céu aberto, sob o pretexto de extermínio, correção, reeducação ou cura é um preso político.

As crianças sabem disto.

“O berçário também era parte do complexo do campo’, escreveria Evgeniya Ginzburg. ‘Tinha sua própria guarita, seus próprios portões, seus próprios barracões, seu próprio arame farpado.¹⁶ (...) Quando Evgeniya tentou ensinar algo às crianças sob seus cuidados, ela constatou que apenas uma ou duas — aquelas que haviam mantido algum contato com as mães — se mostravam capazes de aprender alguma coisa. E mesmo a experiência dessas poucas crianças era limitadíssima:

‘Olhe’, eu disse a Anastas, mostrando-lhe a casinha que eu desenhara. ‘O que é isso?’

‘Alojamento’, respondeu o menininho, de modo bem claro.

Com algumas canetadas, pus um gato ao lado da casa. Mas ninguém, nem mesmo Anastas, reconheceu o bicho. Nunca tinham visto aquele animal raro. Aí desenei uma cerca rústica, tradicional, em volta da casa.

‘E o que é isso?’

‘A zona prisional’, gritou Vera, encantada.¹⁷

Notas para a abolição dos campos de concentração...

Notas

- ¹ Alexandre Soljenítsin. *Arquipélago Gulag*, vol. I. Tradução de Francisco A. Ferreira, Maria M. Llistó e José A. Seabra. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1979, pp. 7-8.
- ² Michel Foucault. “Crimes e castigos na URSS e eoutros lugares...” in *Estratégia, poder-saber*, Col. Ditos e escritos. vol. IV. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003, pp. 189-190.
- ³ Idem. “Poderes e estratégia” in op. cit., pp. 240-452.
- ⁴ Conforme Anne Applebaum. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Tradução de Mário Vilela e Ibraíma Dafonte. São Paulo, Ediouro, 2004.
- ⁵ De acordo com Alexandre Soljenitisin e Anne Applebaum.
- ⁶ Michel Foucault. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.
- ⁷ Termo ressaltado por Soljenítisin e por Applebaum.
- ⁸ Alexandre Soljenítsin. *Arquipélago Gulag*, vol. II. Tradução de Leonidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1976, p. 9.
- ⁹ Conforme Anne Applebaum, op. cit..
- ¹⁰ Idem.
- ¹¹ Ibidem.
- ¹² Nils Christie. *A indústria do controle do crime: a caminho dos GULAG's em estilo ocidental*. Tradução de Luís Leiria. Rio de janeiro, Forense, 1998.
- ¹³ A este respeito ver Edson Passetti. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez, 2003.
- ¹⁴ A este respeito ver Carlo Romani. “Clevlândia (Oiapoque), Colônia penal ou campo de concentração?” in *Verve*, nº 4. São Paulo, Nu-Sol, 2003.
- ¹⁵ Anne Applebaum, 2004, op. cit., p. 382.
- ¹⁶ A palavra *zona* é uma palavra russa e designa de forma geral campo de concentração, literalmente refere-se à área protegida pela cerca de arame farpado.
- ¹⁷ Anne Applebaum, 2004, op. cit., pp. 374-376.

RESUMO

Breve exposição histórico-política dos Gulags soviéticos. Alguns apontamentos sobre o redimensionamento dos campos de concentração instrumentalizados pelo programa de tolerância zero.

Palavras-chave: abolicionismo penal, Gulags, campos de concentração.

ABSTRACT

A short historical-political exposure of the soviet Gulags. Some appointments about the remodeling of the concentration camps by the program of zero tolerance.

Keywords: penal abolitionism, Gulags, concentration camps.

Recebido para publicação em 22 de novembro de 2004.